

# Contributos para o estudo das orações adverbiais introduzidas por *em vez de* no PEC

Ana Cristina Macário Lopes  
CELGA-ILTEC/FLUC

**Abstract:** The aim of this paper is to characterize the subordinate adverbial clauses introduced by ‘em vez de’ in European contemporary Portuguese. In syntactic terms, these clauses are peripheral, loosely linked to the main clause, rejecting all focusing structures. A semantic-pragmatic hypothesis is put into test to explain this behaviour: the information expressed by the adverbial clauses is presupposed. Two semantic sub-types of ‘em vez de’ clauses are thoroughly described: (i) those which contrast a factual situation with the speaker’s expectation and (ii) those which contrast a factual situation with a non-factual preferential alternative. A fine-grained analysis of the modal values involved is carried out, and, in a smaller scale, temporal and aspectual values are also taken into consideration.

**Key-words:** adverbial clauses, connective ‘em vez de’, discourse relations, presupposition

**Palavras-chave:** orações adverbiais, conector ‘em vez de’, relações discursivas, pressuposição

## Introdução

Este estudo insere-se numa linha de pesquisa que tem vindo a ser desenvolvida no CELGA, em torno de conectores discursivos do Português europeu contemporâneo (doravante, PEC) escassamente contemplados nas gramáticas disponíveis.<sup>1</sup>

São muito poucas as referências às construções que envolvem o conector ‘em vez de’ na literatura sobre orações subordinadas adverbiais em português. Em Morais (1972: 186-187), as orações introduzidas pelo conector *em vez de* são designadas subordinadas *substitutivas*. Nas palavras do autor, estas orações “encerram um fato que podia realizar-se, cuja realização era

---

<sup>1</sup> Este artigo integra e aprofunda de forma significativa o estudo realizado por Joana Cortez Smith no seminário de Sintaxe e Semântica do Português, por mim orientado, no âmbito do 3º ciclo Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, 2013, FLUC.

Agradeço vivamente ao Rui Marques a leitura atenta da primeira versão deste trabalho e todas as observações pertinentes que me fez chegar.



certamente esperada; contudo não se realiza, visto que é o fato da principal que realmente se efetua. Isto é, na oração principal está contido o fato que se realiza em substituição ao fato que vem indicado na subordinada.” Bechara (1988:168) considera que as orações adverbiais introduzidas pela locução ‘em vez de’ indicam *exclusão*. Lobo 2003 aflora as orações adverbiais introduzidas por ‘em vez de’, classificando-as como *substitutivas* e incluindo-as no conjunto das adverbiais periféricas. Já em Lobo (2013), a menção às orações substitutivas não envolve qualquer referência ao seu estatuto de adverbiais periféricas e, por outro lado, não se avança uma caracterização semântica destas construções. Em Costa (2010), apenas se menciona que as orações introduzidas por ‘em vez de’ expressam uma contraposição total entre o que é esperado e a alternativa menos esperada, que é a que se realiza.

Tanto quanto é do meu conhecimento, não há nenhum estudo sistemático e integrado sobre as adverbiais introduzidas por ‘em vez de’, partindo de dados empíricos do PEC. Assim, este trabalho propõe-se contribuir para colmatar essa lacuna, através de uma análise integrada deste sub-tipo de adverbiais, articulando aspetos sintáticos e semântico-pragmáticos. Os dados empíricos analisados foram recolhidos no CETEMPúblico; pontualmente, alguns exemplos construídos são também convocados.

A estrutura deste estudo é a seguinte: na secção 1, analisam-se aspetos sintáticos das construções que envolvem orações substitutivas; na secção 2, focalizam-se propriedades semântico-pragmáticas destas construções e, na secção 3, apresentam-se as principais conclusões da pesquisa.

## 1. Análise sintática

Em português, o conector ‘em vez de’ introduz sempre uma oração infinitiva, tipicamente com infinitivo flexionado.<sup>2</sup>

No corpus analisado, verifica-se a correferência entre o sujeito da oração subordinada infinitiva e o da subordinante, sendo o primeiro nulo e o segundo pleno:

---

<sup>2</sup> Em Lobo (2013,) admite-se a ocorrência de infinitivo não flexionado, embora se considere menos comum.



(i) [A polícia]<sub>i</sub>, em vez de [-]<sub>i</sub> estar nas ruas, está encarcerada nas delegacias, com medo dos criminosos.

Como qualquer oração subordinada adverbial, também a oração introduzida por ‘em vez de’ pode ser coordenada com uma outra introduzida pelo mesmo conector (2) e, no que toca à posição dos clíticos, induz a próclise (3):

(2) A polícia, em vez de estar nas ruas e em vez de proteger os cidadãos, está encarcerada nas delegacias.<sup>3</sup>

(3) A música, em vez de o libertar, humilhava-o.

Tal como outras subordinadas adverbiais, estas orações podem ocorrer entre o sujeito e o predicado (1), em posição inicial (1a) e em posição final (1b), sendo esta última a mais frequente no corpus:

(1a) Em vez de estar na rua, a polícia está encerrada nas delegacias, com medo dos criminosos.

(1b) A polícia está encerrada nas delegacias, com medo dos criminosos, em vez de estar na rua.

É hoje largamente consensual na comunidade linguística que as subordinadas adverbiais podem ter graus distintos de integração sintática na frase matriz, sendo por isso possível estabelecer desde logo uma distinção entre subordinadas integradas, que evidenciam uma maior ligação prosódica e estrutural com a oração principal e são compatíveis com processos que envolvem focalização (Lobo 2013: 2031), e subordinadas periféricas, com maior autonomia prosódica, menor grau de ligação à oração principal e incompatíveis com processos de focalização (Lobo 2013: 2031-2032).

---

<sup>3</sup> No corpus, não encontramos nenhum exemplo desta possibilidade, com o conector repetido. No entanto, há exemplos em que a coordenação ocorre sem a presença do conector no segundo membro coordenado: (i) [o novo líder do PS] em vez de estimular e de aplaudir (...) o acordo de concertação social, resolveu criticar (...)



Utilizando os testes habitualmente convocados em sintaxe para a distinção entre subordinadas adverbiais integradas e periféricas, verificamos que o comportamento das orações em apreço se aproxima do das subordinadas adverbiais periféricas. Com efeito, rejeitam a focalização por clivagem (1c), não ocorrem no escopo da negação de foco (1d) nem no escopo de operadores de focalização como *só* (1e) e parecem resistir à possibilidade de constituírem o foco de estruturas interrogativas alternativas (1f):

(1c) \*É em vez de estar na rua que a polícia está encarcerada nas delegacias.

(1d) \*A polícia *não* está encarcerada nas delegacias *em vez de estar na rua*.

(1e) \*A polícia *só* está encarcerada nas delegacias *em vez de estar na rua*.

(1f) \* A polícia está encarcerada nas delegacias em vez de estar na rua ou em vez de perseguir ativamente os criminosos?

Por outro lado, contrariamente ao que acontece com as orações adverbiais integradas, que tipicamente funcionam como resposta a interrogativas parciais, não há nenhum constituinte interrogativo que possa elicitare uma resposta introduzida por ‘em vez de’.<sup>4</sup>

## 2. Análise semântico-pragmática

Kortmann (1997) utiliza o termo “Substitution” para identificar a relação semântica expressa pelas construções ‘instead of p, q’, que caracteriza brevemente da seguinte forma: “of two alternative possible events/activities p and q, q happens or is performed although p was rather to be expected.” (1977:88).<sup>5</sup>

O nosso corpus oferece-nos evidência empírica que confirma (parcialmente, como se verá) a caracterização proposta. Vejam-se os seguintes exemplos:

---

4 Mendes (2013), contrariamente a Lobo (2013), considera que as orações substitutivas instanciam um caso de suplementação, na aceção de Huddleston e Pullum (2002). No entanto, apesar de haver um menor grau de integração sintática, como foi demonstrado, parece-nos inegável que o produto resultante da conexão ainda é uma frase complexa, como se comprova pelos seguintes testes (Peres 1977): (i) O Rui disse [que] a polícia, em vez de estar nas ruas, está encarcerada nas delegacias]; (ii) Provavelmente, [a polícia, em vez de estar nas ruas, está encarcerada nas delegacias].

5 Note-se a semelhança entre a caracterização proposta por Kortmann (1997) e a de Morais (1972), acima mencionada.



(2) A presença dos três novos países mais ricos do clube, em vez de facilitar uma decisão, *como se previa*, acabou por originar o impasse.

(3) (...) compraram mastros em plástico na Dinamarca em vez de [os] mandar fazer em madeira, *como tínhamos recomendado*.

(4) Sola, em vez de filtrar sob a forma de canção os textos literários chineses, *como é costume*, decide adaptá-los directamente (...)

(5) Em vez de ir para o Brasil, *como era suposto*, fui para Espanha trabalhar no departamento político do MDLP.

Em todos estes exemplos, a situação expressa na subordinada é não-factual, no sentido em que é interpretada como não se tendo verificado na realidade, ao passo que a situação expressa na oração principal é factual. O uso do infinitivo na adverbial introduzida por ‘em vez de’, em contraste com o uso de uma forma verbal finita no modo indicativo, na subordinante, parece ser uma pista linguística relevante para a leitura ativada.

Por outro lado, em todos os exemplos, associa-se à informação contida na adverbial uma informação suplementar, a de que se trata de uma situação esperada ou conforme às expectativas. Esta informação é legitimada pelo contexto discursivo, mais concretamente pela ocorrência das orações parentéticas de comentário ‘como se previa’, ‘como tínhamos recomendado’, ‘como é costume’ e ‘como era suposto’.<sup>6</sup> Assim, as construções em apreço – p em vez de q – envolvem a asserção de p e ~q e ativam a pressuposição de que q era corresponde a uma expectativa do falante.<sup>7</sup>

6 O corpus oferece ainda outras pistas discursivas para a associação desta informação adicional (que passamos a representar por [+esperado/+conforme às expectativas]) ao conteúdo proposicional da oração introduzida por ‘em vez de’. Vejam-se os seguintes exemplos: (i) Os passageiros dos barcos da Transtejo que ontem de manhã saíram de Cacilhas pensando vir desembarcar ao cais de Alfândega *foram colhidos de surpresa ao chegar a Lisboa*, pois em vez de descerem junto ao Cais do Sodré, foram parar um pouco além do Terreiro do Paço (...); (iii) *Foi com surpresa* que a CGTP tomou, ontem, conhecimento que a UGT, em vez de responder a este pedido de reunião, veio dizer publicamente que não há condições para a acção sindical prevista; (iv) A lista de Meneses, *ao contrário do que se previa* (...), em vez de apaziguar os ânimos nas hostes sociais-democratas portuenses veio incendiá-los.

7 Adota-se aqui a definição pragmática de pressuposição, tal como é proposta em Potts (2013:2), na esteira de Stalnaker (1974): “the presuppositions of an utterance are the pieces of information that the speaker assumes (or acts as if she assumes) in order for her utterance to be



Há, no entanto, exemplos do corpus em que a informação [+ conforme às expectativas], não sendo explicitamente legitimada pelo contexto discursivo, continua a ser implicada e inferencialmente calculada no processo interpretativo. Parece-nos ser esse o caso de (6):

(6) Os seus elevados lucros, em vez de eliminarem os concorrentes, induzem mais inovação por parte dos empresários e das grandes empresas do mesmo sector.

O enunciado (6) contrasta o que se verifica na realidade (os elevados lucros induzem mais inovação por parte dos empresários e das grandes empresas do mesmo sector) com a expectativa plausível (e plenamente compatível com conhecimento do mundo compartilhado) de que tal facto pudesse eliminar os concorrentes. Veja-se a plena aceitabilidade de inserção, em (6), de uma oração parentética de comentário que torne explícita essa expectativa:

(6') Os seus elevados lucros, em vez de eliminarem os concorrentes, *como seria de esperar*, induzem mais inovação por parte dos empresários e das grandes empresas do mesmo sector.

Em (6'), a oração parentética reinvoca o conteúdo pressuposto no enunciado original, tornando-o explícito. Neste sentido, a interpretação cabal de (6) força a acomodação (no sentido de Lewis 1979) de uma pressuposição que envolve a avaliação da situação expressa na oração subordinada como sendo a alternativa conforme às expectativas do falante.<sup>8</sup> Veja-se ainda (6''), uma paráfrase

---

meaningful in the current context.” E, mais adiante, Potts acrescenta: “The clearest instances of pragmatic presuppositions are those that cannot easily be traced to specific words or phrases, but rather seem to arise from more general properties of the context and the expectations of the discourse participants.”(p.8) Não há de todo um consenso em torno da noção de pressuposição, nomeadamente no que toca à distinção entre pressuposição e implicatura convencional (cf., e.o., Karttunen & Peters (1979), Bach (1999), Roberts et al. (2009), Potts (2013)). Sem pretendermos entrar aqui neste debate, diremos apenas que assumimos, na esteira de Roberts et al. (2009:5), uma distinção básica entre o que é “conventionally (linguistically) encoded” e o que é “inferentially derived as a consequence of an utterance having been produced.” Esta informação inferencialmente calculada, no caso que nos interessa, corresponde ao que Roberts et al. (2009) designam de “speaker-anchored projective meanings”. Assumimos ainda que tal informação é “backgrounded” e indexada ao falante, na medida em que expressa uma sua expectativa, não constituindo o “at-issue content”, i.e., “content which is intended by the speaker to accomplish a conversational move.”(Roberts et al (2009: 4)).

<sup>8</sup> Como Potts evidencia (2013: 9), “speakers routinely presuppose things that have not already been established as part of the common ground. When they do this, they are implicitly asking the other discourse participants to *accommodate* (Lewis 1979) that information, by adding it to the common ground, or at least by adding to the common ground that the speaker is publicly committed to that information for the purposes of the current interaction.”



fiel dos conteúdos (asseridos e pressupostos) comunicados em (6):

(6'') O falante esperava que os seus [da empresa] elevados lucros eliminassem os concorrentes, mas tal não se verifica. O que se verifica é que os elevados lucros induzem mais inovação por parte dos empresários e das grandes empresas do mesmo sector.

A hipótese aqui defendida de que a pressuposição [+conforme às expectativas] se associa, na interpretação, ao conteúdo proposicional da subordinada pode ainda ser validada pela plena aceitabilidade da inserção, em construções deste tipo, do advérbio 'surpreendentemente', um advérbio de frase orientado para o falante, que expressa justamente uma quebra de expectativas:

(6''') Surpreendentemente, os seus elevados lucros, em vez de eliminarem os concorrentes, induzem mais inovação por parte dos empresários e das grandes empresas do mesmo sector.

Um outro teste que pode ser convocado para validar o conteúdo pressuposto em (6) envolve a construção de uma réplica discursiva que funcione como objecção a esse mesmo enunciado. Confrontem-se os seguintes pares:

- (1) Os seus elevados lucros, em vez de eliminarem os concorrentes, induzem mais inovação por parte dos empresários.
- (2) Não é verdade.

A'- Os seus elevados lucros, em vez de eliminarem os concorrentes, induzem mais inovação por parte dos empresários e das grandes empresas do mesmo sector.

B' Como assim?! Ninguém esperava que os seus elevados lucros eliminassem os concorrentes!/Mas ninguém esperava que os seus elevados lucros eliminassem os concorrentes!



Tipicamente, a rejeição/refutação de um enunciado prévio nega o conteúdo asserido, e não o conteúdo pressuposto: é o que se verifica na réplica de B, no primeiro par. Como pertinentemente afirma Potts (2013:9), “when speakers do want to object to presupposed content, they typically have to resort to more specialized forms that first disrupt the flow of the conversation in order to re-invoke the presupposed content as an item for discussion.” É justamente o que acontece na réplica do segundo par, quando o interlocutor inicia a sua intervenção por ‘como assim?!’<sup>9</sup> ou ‘mas’.<sup>10</sup>

Se considerarmos que uma expectativa corresponde a uma crença do falante, então a pressuposição associada ao conteúdo proposicional da subordinada pode ser analisada no âmbito dos significados modais epistémicos. De facto, parece consistente argumentar que uma situação esperada, isto é, uma situação que corresponde a uma expectativa do falante, é uma situação cuja probabilidade de ocorrência é avaliada pelo falante como elevada. De qualquer modo, não sendo nosso objetivo a discussão teórica desta questão, diremos apenas que estas construções evidenciam o contraste entre uma situação esperada não verificada e uma situação alternativa factual.

Mas o corpus facultava-nos um outro conjunto de exemplos em que o traço [-factual], sempre associado à interpretação da subordinada adverbial, se combina desta feita com uma pressuposição de natureza deontica. Veja-se de novo o exemplo (1):

(1) A polícia, em vez de estar na rua, está encarcerada nas delegacias, com medo dos criminosos.

Uma paráfrase bastante fiel de (1) poderia ser formulada, a nosso ver, nos seguintes termos:

(1b) A polícia *devia* estar na rua. Em vez disso, está encarcerada nas delegacias, com medo dos criminosos.

---

9 Expressão que utilizamos como possível equivalente à expressão inglesa “hey, wait a minute!”, por vários autores assinalada como forma marcada de sinalização de que o falante se propõe rejeitar ou refutar uma pressuposição (cf., e.o., Roberts et al. (2009), Potts (2013)).

10 Em português, o uso de ‘mas’ no início da réplica parecer ser um mecanismo recorrente para sinalizar a refutação de uma pressuposição.



A ocorrência do verbo modal *dever* inscreve no enunciado um juízo deôntico, e, simultaneamente, a flexão desse mesmo verbo no imperfeito, implícita um efeito de contrafactualidade (*devia estar, mas não está*), convergente com o traço [-factual] que associamos à subordinada. Trata-se de um juízo deôntico de necessidade, legitimado por uma fonte externa (Palmer 2001:9), as normas sociais vigentes na comunidade, que poderia ser explicitado pela inserção de uma oração de comentário com o mesmo verbo modal:

(1c) A polícia, em vez de estar nas ruas, *como devia estar*, está encarcerada nas delegacias, com medo dos criminosos.

Por outro lado, em (1), a avaliação deôntica implícita parece indissociável de uma modalização desiderativa ou volitiva.<sup>11</sup> Por outras palavras, ao enunciar (1), o falante assume não só que a polícia devia estar na rua, mas também que era desejável que estivesse. Esta pressuposição pragmática tem de ser acomodada no processo interpretativo, de modo a formatar o contexto que garante a relevância comunicativa do enunciado. Assim, (1) estabelece um contraste entre o que se verifica e o que se devia e seria desejável que se verificasse, na perspetiva do falante. Neste sentido, em construções deste tipo, o conteúdo proposicional da subordinada, é interpretado não só como não-factual, mas ainda como deônticamente necessário e desejável.<sup>12</sup>

Veja-se um outro exemplo paradigmático que corrobora a caracterização proposta:

(7) [os candidatos] em vez de serem coerentes consigo próprios e sérios com os eleitores, centram as suas campanhas em questiúnculas interpartidárias (...)

---

11 Sobre a interseção entre modalidade deôntica e modalidade desiderativa ou volitiva, veja-se, e.o., Verplaetese (2003), Palmer (1986, 2001) Givón (1993, 1995), Bybee & Fleishman (1995).

12 Na literatura sobre modalidade em português estabelece-se uma distinção entre modalidade deôntica e desiderativa (cf., e.o., Oliveira e Mendes 2013), mas não tem sido explorada a sua possível articulação, tanto quanto é do meu conhecimento. Campos (1998: 185-190), ao analisar o valor modal subjacente à forma do imperfeito de *dever*, destaca duas componentes: um juízo deôntico e uma componente contrafactual, de cuja combinação resulta um valor intersubjetivo de censura. Esta função discursiva de censura emerge, de facto, neste tipo de enunciados. Em Oliveira & Mendes (2013:641) assinala-se igualmente a ativação de um efeito de contrafactualidade que resulta da combinação do verbo modal *dever*, com leitura deôntica, com o Imperfeito do Indicativo ou com o condicional.



Tal como em (1), é perfeitamente aceitável a inserção em (7) de um comentário portador de um juízo deontico, legitimado por normas sociais de natureza ética, que torne explícita a avaliação implícita, assumida como incontroversa em termos de cognição social e, como tal, parte integrante do ‘common ground’:

(7a) [os candidatos] em vez de serem coerentes consigo próprios e sérios com os eleitores, *como deviam*, centram as suas campanhas em questões interpartidárias (...)

Uma paráfrase bastante fiel de (7) poderia ser formulada nos seguintes termos:

(7b) Os candidatos *deviam* ser coerentes consigo próprios e sérios com os eleitores; (mas) em vez disso, centram as suas campanhas em questões interpartidárias.

Também neste caso, a modalização deontica parece inseparável de uma modalização desiderativa ou volitiva: o falante pressupõe igualmente como incontroverso que seria desejável que os políticos fossem coerentes consigo próprios e sérios com os eleitores. Ao avaliar como desejável a ocorrência da situação não factual, face à situação que efetivamente se verificou ou verifica, o falante ordena as duas situações numa escala, de acordo com as suas preferências. Assim, em enunciados do tipo de (1) e (7), o falante assere  $p$  e  $\sim q$ , assume como informação de background que  $q$  é deonticamente necessário e desejável, implicando a sua preferência pela ocorrência de  $q$  em detrimento de  $p$ .

Os traços [+conforme às expectativas], por um lado, [+deonticamente necessário] e [+desejável], por outro, que caracterizam as pressuposições associadas aos conteúdos proposicionais das adverbiais introduzidas por ‘em vez de’ até agora analisadas, introduzem na semântica destas construções uma dimensão modal, ou intensional, na medida em que traduzem expectativas e juízos ou avaliações que decorrem do ponto de vista do falante.<sup>13</sup> Neste sentido, a

---

13 Cf. Lyons (1977), Hengeveld (1988). Estes autores estabelecem uma distinção entre entidades semânticas de segunda ordem (proposições extensionalmente interpretadas, que denotam situações do mundo espacio-temporalmente localizadas) e entidades semânticas de terceira ordem (proposições intensionalmente interpretadas, que envolvem a expressão de crenças, expectativas e desejos do falante). Veja-se o que afirma



interpretação da subordinada convoca sempre informação indexada ao universo cognitivo do falante. A resistência aos testes de focalização abordada na secção anterior parece, pois, poder ser explicada em termos semântico-discursivos (na esteira da hipótese avançada em Lobo 2003): as orações adverbiais substitutivas em apreço não são focalizáveis porque expressam informação assumida/avaliada pelo falante quer como esperável (cf. exs 2 a 6), quer como deonticamente necessária e desejável (cf. exs 1 e 7), ou seja, informação inerentemente pressuposicional, informação de background que, conseqüentemente, não pode constituir foco.<sup>14</sup>

Os dados empíricos do português que até aqui analisámos apontam para dois sub-tipos de construções que envolvem orações substitutivas em português: (i) a construção ‘em vez de p, q’ pode expressar um contraste entre uma situação que se verifica no mundo, q, e uma outra, p, alternativa e não factual, implicitamente avaliada pelo falante como esperável; (ii) a construção ‘em vez de p, q’ pode expressar um contraste entre uma situação que se verifica no mundo, q, e uma outra, p, alternativa e não factual, implicitamente avaliada pelo falante como deonticamente necessária e desejável. O óbvio denominador comum aos dois sub-tipos discriminados é o facto de, em ambos os casos, p descrever uma situação não factual; um outro elemento unificador consiste na acomodação de pressuposições de natureza modal associadas à proposição p, em ambos os casos.<sup>15</sup>

Mas o nosso corpus faculta ainda dados sobre um outro sub-tipo de construção que, envolvendo o mesmo conector, exige uma caracterização semântica distinta, que não se enquadra no padrão acima descrito. Vejam-se os exemplos (8) a (10), aos quais se acrescenta o exemplo construído (11):

---

Hengeveld sobre as entidades semânticas de 3ª ordem (1988:345): “propositional contents are mental constructs (...) that only exist in the mind of their user, are user-dependents.”

14 Não há, na comunidade linguística, um consenso generalizado sobre as noções de pressuposição e foco. Neste artigo, o termo foco é usado para circunscrever a informação nova asserida num enunciado, informação que atualiza o ‘common ground’, por oposição a pressuposição, que refere informação assumida pelo falante como parte integrante desse mesmo ‘common ground’.

15 Os dois sub-tipos analisados parecem corresponder a construções que, em inglês, envolvem o uso de dois conectores distintos, ‘instead of’ e ‘rather than’: “an *instead of* sentence ordinarily presupposes that there was some reason for expecting the situation expressed by the adverbial clause; a *rather than* sentence ordinarily presupposes that there is a preference on the part of the subject for the situation of the main clause over that of the adverbial clause (...).” (Thompson 1971:242).



(8) (...) em vez de serem mitificados, [os jovens] têm de ser socializados, pois a mitificação contribuiu para criar (...) uma desprotecção da juventude, o fim do seu control familiar pelo não exercício da autoridade paternal.

(9) (...) o governo, em vez de cobrar, deveria pagar um subsídio aos utilizadores (...).

(10) É preciso que as pessoas ponham as cartas na mesa (...), em vez de atirarem com acusações para o ar.

(11) Era bom que o João fizesse exercício, em vez de fumar.

Nestes exemplos, é a oração adverbial que é interpretada como factual, descrevendo uma situação que se verifica no mundo, ao contrário da oração principal, que expressa uma situação alternativa não-factual, correspondente a um juízo ou a um desejo do falante. Em (8), (9) e (10), o conteúdo proposicional da oração principal é explicitamente avaliado pelo falante como deonticamente necessário, e em (11) como desejável, valores marcados pela ocorrência de verbos e expressões predicativas modais de natureza deontica (*dever, ter de, ser preciso*) e pela expressão predicativa de modalização desiderativa *ser bom*. É justamente a ocorrência de predicadores modais na oração principal, e a sua ausência na subordinada infinitiva, que induz e legitima, por contraste, a interpretação extensional desta última. Em todos os exemplos, o falante implica uma preferência pela situação não factual.

A resistência à focalização do conteúdo expresso na adverbial mantém-se, neste terceiro sub-tipo de adverbiais substitutivas. Julgamos que são ainda factores discursivos, ligados ao estatuto informacional do conteúdo expresso na adverbial, que justifica a impossibilidade da focalização: sendo informação factual conhecida, assumida como dado adquirido, isto é, como parte integrante do ‘common ground’ partilhado pelo locutor e pelo interlocutor, não pode constituir foco. Para comprovar o estatuto de informação pressuposta, pertencente ao ‘common ground’, expressa pela subordinada, veja-se uma paráfrase bastante aproximada de (8):



(11a) Os jovens são mitificados, *como é sabido*, mas deviam ser socializados.

Também nestes casos, é distinta a formulação de uma rejeição/contestação do conteúdo asserido, por oposição ao conteúdo pressuposto:

A: Em vez de serem mitificados, os jovens têm de ser socializados.

B: Não [= os jovens não têm de ser socializados]. (Os jovens têm é de ser responsabilizados).

A': Em vez de serem mitificados, os jovens têm de ser socializados.

B': Como assim?! Os jovens não são mitificados! /Mas os jovens não são mitificados!

No primeiro par, a réplica de B rejeita a opinião expressa pelo falante A. No segundo, a réplica de B contesta a pressuposição subjacente à intervenção inicial de A.

Em suma, este segundo conjunto de dados configura um padrão semântico distinto do que foi previamente caracterizado: a construção 'em vez de p, q' contrasta uma situação que se verifica no mundo, p, com uma outra, alternativa e não-factual, q, que é avaliada pelo falante como aquela que deveria ocorrer, substituindo p.

O corpus oferece-nos ainda um outro sub-conjunto de dados em que o conector 'em vez de' articula uma frase imperativa, na 2ª p. do singular ou do plural, com uma frase infinitiva, como atestam os exemplos (12) e (13):

(12) Experimente a compreensão, (...) em vez de governar com mão-de-ferro.

(13) Em vez de almoçarem à uma da tarde, alcemem às duas.

Em contextos deste tipo, são igualmente descritas duas situações alternativas: a situação factual conhecida, descrita na adverbial, e a situação não-factual projectada na esfera do futuro, expressa na frase imperativa. A frase imperativa pode ser parafraseada por uma asserção deonticamente



modalizada, sem alterar o valor semântico global do enunciado, o que aproxima claramente estes dois últimos exemplos do sub-conjunto analisado anteriormente:

(11') Devia experimentar a compreensão, em vez de governar com mão de ferro.

(12') Em vez de almoçarem à uma da tarde, deviam almoçar às duas.

Só no plano pragmático se encontram diferenças entre (11) e (12) e as paráfrases propostas em (11') e (12'). Com efeito, uma asserção deonticamente modalizada mitiga a força ilocutória diretiva associada ao imperativo, viabilizando a expressão mais indirecta de um conselho ou de uma sugestão.

Em representação esquemática, avança-se agora uma síntese dos resultados obtidos na análise dos dados empíricos, que apontam para três sub-tipos de orações substitutivas:

(i) Em vez de p, q

p [-factual] [+conforme às expectativas]

q [+factual]

(ii) Em vez de p, q

p [-factual] [+deonticamente necessário] / [+desejável]

q [+factual]

(iii) Em vez de p, q

p [+factual]

q [-factual] [+deonticamente necessário] / [+desejável]

Avançando agora para uma análise mais granulada dos dados, verifica-se uma estreita afinidade semântica entre os sub-tipos (ii) e (iii). Com efeito, manipulando linguisticamente os enunciados, constata-se que transformando a oração adverbial dos exemplos que instanciam o sub-tipo (ii) em oração principal (ou, inversamente, transformando a principal em adverbial, no caso dos exemplos que ilustram (iii)) e introduzindo (ou suprimindo) concomitantemente



operadores de natureza modal, obtemos enunciados semântica e pragmaticamente equivalentes. Compare-se (7) com (7') e (8) com (8'):

(7) [os candidatos] em vez de serem coerentes consigo próprios e sérios com os eleitores, centram as suas campanhas em questões interpartidárias (...)

(7') Em vez de centrarem as suas campanhas em questões interpartidárias, os candidatos deviam ser coerentes consigo próprios e sérios com os eleitores.

(8) (...) em vez de serem mitificados, [os jovens] têm de ser socializados.

(8') Os jovens são mitificados, em vez de serem socializados.

A manipulação operada transformou enunciados tipicamente representativos da construção (ii), (7) e (8), em enunciados, (7') e (8'), que paradigmaticamente ilustra a construção (iii), sem que alterações significativas ao nível semântico-pragmático tenham ocorrido. Ou seja, (ii) e (iii) são formulações sintaticamente distintas mas semântica e pragmaticamente equivalentes.

Este tipo de transformação não é, no entanto possível entre enunciados que ilustram (i) e enunciados que instanciam (iii). Veja-se a inaceitabilidade de (5'), (2') e (6') como paráfrases, respetivamente, de (5), (2) e (6):<sup>16</sup>

(5) Em vez de ir para o Brasil, como era suposto, fui para Espanha trabalhar no departamento político do MDLP.

(5') # Em vez de ir para Espanha trabalhar no departamento político do MDLP, devia ter ido para o Brasil, como era suposto.

(2) A presença dos três novos países mais ricos do clube, em vez de facilitar uma decisão, como se previa, acabou por originar o impasse.

---

<sup>16</sup> O símbolo # assinala que o enunciado em apreço, com uma leitura deontica (e desiderativa) do verbo modal 'dever' que nele ocorre, não é semanticamente equivalente ao enunciado original.



(2') # Em vez de acabar por originar um impasse, a presença dos três novos países mais ricos do clube devia ter facilitado uma decisão, como se previa.

(6) Os seus elevados lucros, em vez de eliminarem os concorrentes, induzem mais inovação por parte dos empresários e das grandes empresas do mesmo sector.

(6') # Em vez de induzirem mais inovação (...), os seus elevados lucros deviam eliminar os concorrentes.

A manipulação dos dados indica-nos, assim, que a transformação parafrástica sugerida só funciona nos casos em que, havendo duas situações alternativas expressas, uma não-factual e outra factual, o falante avalia a não-factual como alternativa preferencial. Nos casos em que o falante se limita a contrastar o que existe com o que se esperava que acontecesse, tal não é possível. O resultado desta manipulação dos dados aponta para uma conclusão relevante: há apenas, do ponto de vista semântico, dois sub-tipos de construções que envolvem orações substitutivas, em português: no primeiro, (A), o objetivo comunicativo do falante, sendo de natureza tipicamente assertiva, envolve a expressão de uma informação sobre o que se verifica/verificou no mundo, informação essa cuja relevância resulta, em larga medida, do facto de se contrapor a uma assunção de background sobre o que se esperava que acontecesse/tivesse acontecido; no segundo, (B), o objetivo comunicativo é distinto, já que o que se pretende evidenciar é a expressão do que devia/seria desejável que se verificasse, em detrimento do que se verifica. Ou seja, em (B), o ato ilocutório realizado pelo falante não é uma asserção categorial típica, mas antes uma asserção deôntica e volitivamente modalizada, que realiza indiretamente um ato de natureza expressiva.<sup>17</sup>

O esquema atrás apresentado pode agora ser apurado, nos seguintes termos:

(A) Em vez de p, q

p [- factual] [+conforme às expectativas]

---

<sup>17</sup> Parece-nos que em enunciados do tipo A, o conector 'em vez de' seria traduzido por 'instead of', em inglês. Já em enunciados do tipo B, o mesmo conector seria traduzido por 'rather than'.



q [+ factual]

(B) Em vez de p, q

p [+factual]

q [-factual] [+deonticamente necessário] / [+desejável]

Em vez de q, p

q [+factual]

p [-factual] [+deonticamente necessário] / [+desejável]

Face aos dados, parece agora possível concluir que a presença do conector ‘em vez de’ ativa sempre uma leitura de não-factuality (ou de contrafactuality) associada a um dos membros da construção. Quando a oração principal é explícita ou implicitamente modalizada (nos domínios deontico e desiderativo/volitivo), a oração subordinada é automaticamente lida como factual; quando tal não se verifica, é a oração principal que é interpretada como factual.

A questão final, que agora estamos em condições de colocar, é a seguinte: os dois sub-tipos discriminados correspondem a uma só relação discursiva ou instanciam duas relações discursivas distintas? Do meu ponto de vista, a resposta a esta questão não é linear. Por um lado, a ocorrência do mesmo conector poderia levar-nos a concluir que se trata da mesma relação, dado que os conectores são itens linguísticos que tipicamente assinalam a relação discursiva que interliga de forma coerente dois segmentos textuais. No entanto, é sabido que há em português, bem como noutras línguas, conectores que podem marcar diferentes relações discursivas, em função dos seus contextos específicos de ocorrência. O caso mais óbvio é o do conector ‘mas’ (que pode ser traduzido, em espanhol, por ‘pero’ e ‘sino’, e em alemão por ‘aber’ ou ‘sondern’), conector esse que pode sinalizar mais do que uma relação discursiva, sendo, nesse sentido, polifuncional.<sup>18</sup> Por outro lado, a literatura sobre relações discursivas disponibiliza classificações/tipologias muito divergentes, o que também dificulta a resposta à questão enunciada.<sup>19</sup>

Tendo em conta os resultados deste estudo, parece-nos possível defender, numa primeira análise, que, independentemente da identidade formal do conector, a relação subjacente aos dois

---

18 Cf., para o português, Sousa (2006), e.o.

19 Sobre relações discursivas, veja-se, e.o., Mann & Thompson (1988), Asher & Lascarides (2003), Roulet (2006).



sub-tipos de construções analisadas não é, de facto, a mesma. Como vimos, do ponto de vista semântico-pragmático há diferenças relevantes entre os dois sub-tipos de construções: no primeiro sub-tipo caracterizado neste estudo, (A), assere-se a ocorrência de uma situação em detrimento de uma outra, sobre um pano de fundo que contém uma expectativa contrária; no segundo sub-tipo, (B), o propósito do falante é expressar (explícita ou implicitamente) uma avaliação deôntica e desiderativa sobre uma situação, apresentando-a como alternativa ao que se verifica no mundo. Tal modalização permite ordenar, numa escala volitiva, as duas alternativas verbalizadas, o que corresponde à expressão de uma preferência. Teríamos, assim, duas relações discursivas, *Contraste* e *Preferência*<sup>20</sup>. No entanto, numa análise mais fina, não é de excluir a hipótese de perspetivar os dois tipos de construções analisadas como duas instanciações possíveis de uma relação de *Contraste*, dado que em ambos os casos se contrastam duas situações, asserindo-se que uma delas se verifica em detrimento da outra, sendo a situação não-factual sempre associada a uma modalização, explícita ou implícita. Seria a natureza distinta da modalização que legitimaria a subespecificação. Assim, inclinamo-nos por uma análise centrada no significado procedimental do conector ‘em vez de’, e propomos que tal significado codifique uma instrução genérica formulável nos seguintes termos: *contraste* as duas situações expressas (i) no plano da factualidade e (ii) no domínio das expectativas ou da avaliação do falante.

### **2.1. Outras propriedades semânticas das construções com ‘em vez de’**

Vejam os finalmente se as esferas temporais em que se localizam as situações factuais expressas nestas construções exercem alguma restrição ao nível da seleção do infinitivo simples ou composto na oração subordinada. Começamos pela análise dos casos em que é factual a situação expressa na oração principal<sup>21</sup>. Em exemplos como (13), construído, a situação descrita na principal ocorre na esfera do presente, sobrepondo-se ao momento da enunciação, e é o infinitivo simples que obrigatoriamente surge na subordinada. Veja-se a agramaticalidade de (13a):

---

20 Kortmann estabelece uma distinção entre a relação de Substituição e a de Preferência, que, em inglês, são marcadas por dois conectores distintos, respetivamente ‘instead of’ e ‘rather than’, embora assinala, sem as explorar, afinidades entre elas. Tanto quanto é do nosso conhecimento, a relação de Preferência não foi ainda sistematicamente explorada.

21 Incluímos na designação de factuais as situações que, embora projetadas para a esfera do futuro, são assumidas como certas pelo falante.



(13) Em vez de viver na Figueira, onde trabalha, a Maria vive em Coimbra.

(13a) \*Em vez de ter vivido na Figueira, onde trabalha, a Maria vive em Coimbra.

Quando a subordinante descreve uma situação localizada na esfera do passado, o infinitivo composto parece preferencial:

(14) [a cidade] em vez de ter nascido em torno de um castelo ou de uma igreja, nasceu à volta de uma fábrica.

No entanto, a ocorrência do infinitivo simples na subordinada também é compatível com a descrição, na oração principal, de eventos localizados na esfera do passado, como atesta o exemplo construído (15), que julgamos aceitável:

(15) Em vez de escrever um romance, a Marta escreveu poemas.

Quando se projeta para o futuro a situação descrita na subordinante, só pode ocorrer na subordinada o infinitivo simples, como atesta o exemplo (16), construído<sup>22</sup>:

(16) No domingo, em vez de descansar, vou trabalhar todo o dia.

Nos casos em que a leitura factual é associada à oração subordinada, os casos mais frequentes no corpus envolvem o uso do infinitivo simples, ocorrendo na principal formas verbais finitas no indicativo (presente ou pretérito perfeito simples).

---

22 Rui Marques (c.p.) fez-me notar que o infinitivo composto também pode ocorrer, adiantando o seguinte exemplo: (i) É melhor não aceites esse encargo. Caso contrário, quando chegares à próxima semana estarás de rastos; em vez de *teres descansado* no domingo, terás passado o dia a trabalhar.

Trata-se, no entanto, de um exemplo que convoca um cenário alternativo, hipotético, distinto do que apresentamos em (16).



Dado que uma das situações é sempre não-factual, não localizada temporalmente, a questão da localização temporal só é pertinente relativamente à situação que envolve uma forma verbal finita, e esta é tipicamente localizada em função do ponto de referência básico que é o momento da enunciação.

Centremo-nos agora em propriedades semânticas de natureza aspetual das construções que envolvem orações substitutivas. Vejamos, em primeiro lugar, se as adverbiais introduzidas por ‘em vez de’ são compatíveis com todas as classes de predicções:

- (17) Em vez de viver na Figueira, onde trabalha, a Maria vive em Coimbra.
- (18) O Rui passa o dia em frente da televisão, em vez de estudar.
- (19) Em vez de escrever um romance, a Marta optou por escrever poemas.
- (20) Em vez de sair, o Rui ficou na sala, numa atitude provocatória .
- (21) Em vez de tocar à campainha, o Rui bateu à porta de mansinho.

Os exemplos (17) a (21), construídos, mostram que os conteúdos proposicionais introduzidos por ‘em vez de’ podem pertencer a todas as classes aspectuais de predicções: estados (17), processos (18), processos culminados (19), culminações (20) e pontos (21). Assim, a caracterização de Kortmann acima transcrita não cobre todas as possibilidades, dado que o autor apenas refere situações eventivas (events/activities).

### 3. Conclusões

Este estudo visou contribuir para a caracterização, sintática e semântico-pragmática, das orações subordinadas adverbiais introduzidas por ‘em vez de’, partindo de um corpus de dados empíricos do PEC. Do ponto de vista sintático, foi aplicado um conjunto de testes que apontaram para a natureza periférica destas subordinadas. Avançou-se uma hipótese de carácter semântico-discursivo para explicar a natureza periférica destas adverbiais: assumindo que só pode constituir foco informação nova asserida pelo falante, a resistência a todos os testes de focalização decorre do facto de a informação expressa nestas adverbiais ser informação pressuposta, ‘backgrounded’,



dado corresponder ou a expectativas do falante ou a informação assumida pelo falante como conhecida, parte integrante do ‘common ground’.

Do ponto de vista semântico, foi proposta uma distinção entre dois subtipos de construções que, em português envolvem orações substitutivas introduzidas pelo conector ‘em vez de’: (A) as que contrastam uma situação factual como uma outra, não-factual, correspondente a uma expectativa do falante; (B) as que contrastam uma situação factual com uma outra, não-factual, que configura a alternativa avaliada pelo falante como deonticamente necessária e desejável, logo, como preferencial.

Na caracterização semântica do subtipo (A), foram apontados como relevantes os seguintes aspetos: (i) o falante assere  $p$  e  $\sim q$  e pressupõe que  $q$  era esperado; (ii) esta pressuposição pode ser ativada pela ocorrência, no contexto discursivo, de uma oração comentário que circunscreve o universo de expectativas do falante, ou meramente inferida, com base em conhecimento do mundo; (iii) a pressuposição em causa, na medida em que corresponde a uma expectativa, pode ser descrita como uma proposição epistemicamente modalizada; (iv)  $\sim q$  ocorre sempre na oração subordinada.

Na caracterização semântica do subtipo (B), foram evidenciados os seguintes aspetos: (i) a construção envolve sempre um contraste entre uma situação que se verifica no mundo e uma outra, que deveria e seria desejável que se verificasse, configurando, por conseguinte, uma preferência do falante; (ii) o mesmo nexos pode moldar-se sintaticamente de forma distinta, a saber: a situação não-factual tanto pode ser expressa na oração subordinada como na principal, havendo apenas uma restrição semântica que tem de ser respeitada: quando a situação não-factual é expressa na oração principal, ocorrem obrigatoriamente operadores modais, deónticos e/ou desiderativos.

Foram ainda brevemente exploradas propriedades temporais e aspetuais destas construções. A questão da localização temporal só é pertinente relativamente à oração que expressa a situação factual e observou-se, nos dados disponíveis, que o ponto de referência é tipicamente o momento da enunciação. Quanto à compatibilidade do conector com diferentes classes aspetuais, não encontramos quaisquer restrições.



Uma vez que os dados foram escolhidos aleatoriamente e a amostra é restrita, não se exclui, naturalmente, a possibilidade de haver construções com ‘em vez de’ não contempladas neste trabalho.

## Referências

- Bechara, Evanildo (1988) *Lições de Português pela análise sintáctica*. Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora.
- Campos, Henriqueta Costa (1998) *Dever e Poder. Um subsistema modal do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, Ana (2010) *Estruturas contrastivas: desenvolvimento do conhecimento explícito e da competência de escrita*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FLUL.
- Hengeveld, Kees (1988) Adverbial clauses in the languages of Europe. In van der Auwera (ed.) *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 335-419.
- Kortmann, Bernd (1997) *Adverbial Subordination. A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Lobo, Maria (2003) *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Lobo, Maria (2013) Subordinação adverbial. In Raposo, E. et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1981-2056.
- Lyons, J. (1977) *Semantics*. Cambridge: CUP.
- Mendes, Amália (2013) Organização textual e articulação de orações. In Raposo, E. et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1691-1755.
- Morais, Clóvis (1972) Alguns tipos de orações subordinadas adverbiais (Português, galego, espanhol, italiano, francês). *Alfa*, 18/19, 186-193.
- Oliveira, Fátima e Mendes, Amália (2013). Modalidade. In Raposo, E. et al (eds.) *Gramática do Português*, vol 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.623-669.



Palmer, Frank (1986, 2001<sup>2</sup>) *Mood and Modality*. Cambridge: CUP.

Peres, João. Sobre conexões interproposicionais em português. In Brito, A.M. et al.(orgs.) *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, pp.775-787.

Potts, Christopher (2013) Presupposition and Implicature. Disponível em <http://www.stanford.edu/~cgpotts/manuscripts/potts-blackwellsemantics.pdf>. Acedido em 15 de fevereiro de 2014.

Roberts, Craige et al. (2009) Presupposition, conventional implicature, and beyond: A unified account of projection. In Nathan Klinendinst & Daniel Rothschild (eds.), *Proceedings of Workshop on New directions in the Theory of Presupposition*, ESSLLI.

Verplaetese, H. (2003) What you and I want: a functional approach to verb complementation of modal WANT TO. In Facchinetti, R. et al. (eds.) *Modality in contemporary English*. Berlin: Mouton De Gruyter, pp. 151-189.

